

Como num sonho

Era 5 de agosto de 2001. Jorge Amado ainda estava internado por causa de certos problemas de saúde. Não era a pessoa mais feliz do mundo, mas também não estava triste. Sabia que já completara sua missão na Terra, julgada muito bem completada. Olhou para o lado, Zélia estava arrumando a cama para dormir, não saía do hospital, ficava sempre ao lado do companheiro. Deu-lhe um beijo na testa, desejou-lhe boa noite e deitou-se. Instantaneamente o sono bateu nos olhos de Jorge, e eles foram se fechando vagarosamente.

Seus olhos se abriram, estava em um areal, ouvia um samba ao longe, via o cais, as docas, homens trabalhando, crianças correndo, mulheres passando com seus filhos. Reconhecia aquele lugar, claro que conhecia! Era a sua sagrada Bahia.

Avistou um trapiche a uns quarenta metros e foi andando naquela direção. Entrou vagarosamente, mas imediatamente crianças de todos os tipos e de todas as cores se levantaram com punhais, facas, madeiras e vieram em sua direção. Sem saber o que fazer, Jorge ficou parado assustado. Mas do meio deles saiu um menino que reconhecia de algum lugar: estava vestido de trapos, tinha cabelos loiros ondulados e um talho no rosto. Sim, ele conhecia. O menino também o conhecia, pois mandou todos se afastarem, sendo imediatamente reconhecida sua autoridade. Ficou parado olhando nos olhos de Jorge Amado. Não se mexia, não falava, somente olhava-o nos olhos, com um brilho no olhar como se o tivesse esperando. Mas em um instante ele correu em sua direção e abraçou-o. Jorge Amado parecia que era seu pai, seu criador. Não tinha palavras para dizer, apenas agradeceu entre lágrimas por ele ter lembrado deles, dos “capitães da areia”, por ele vir vê-los, por ele entrar um pouquinho na vida deles de novo. Deu-lhe outro abraço e entregou-lhe seu punhal preferido, disse para o levar com ele como uma recordação.

Jorge Amado aceitou, deu-lhe um beijo na testa e foi andando pelo areal. Andou, andou, chorou de emoção, deitou um pouco na areia para descansar e, olhando para o sol, seus olhos foram se fechando vagarosamente.

Os olhos de Jorge se abriram de novo, estava no hospital novamente, olhou para o relógio na parede: 4:30 da manhã, olhou para a mesinha de cabeceira e viu o punhal, coincidentemente estava escrito: Pedro Bala. Seus olhos se encheram D'água, uma lágrima caiu. Seus olhos foram se fechando vagarosamente, sabia que desta vez não ia para o areal. Desta vez acabou, já estava no fim. Mas sabia também que sua missão fora cumprida, muito bem cumprida.

Zélia acordou com o barulho da máquina cardíaca apitando, sem nenhum batimento cardíaco. Jorge Amado morreu em 6 de agosto de 2001, completando sua missão de vida.

1º lugar - "Como num sonho", de Thamires dos Santos Macedo - Colégio Militar do Rio de Janeiro